

que se desenvolve a investigação de ponta, de natureza experimental, em áreas que têm a ver com o conhecimento, como a psicologia, a neurociência, a linguística cognitiva ou a informática. No caso vertente, também isso acontece – e, por isso, a autora classifica a TSI como um realismo moderado –, não, porém, sem que sejam postos fora do debate algumas graves questões metafísicas inerentes. Se chama ao pensamento de Dennett uma «teoria fisicalista», é, como se explica também, para sublinhar a convicção daquele, de que «a natureza do mundo é fundamentalmente física» (p. 25). Destaca-o assim do funcionalismo, enquanto «ideia segundo a qual a natureza da cognição é independente do abstracto material desta» (ibid.).

Em sua intenção crítica, a Autora faz saber que «um dos objectivos deste trabalho é verificar se a análise proposta [pela TSI] é globalmente coerente, se ela constitui realmente uma teoria fisicalista do mental e se é legítimo fazer uso de uma suposição de racionalidade na interpretação mentalista de sistemas físicos sem oferecer uma teoria explícita da natureza da racionalidade» (p.26). Propõe-se, além e a propósito disso, trazer à colação questões debatidas sobre assuntos como a existência de uma linguagem do pensamento, da existência de imagens mentais, da natureza da consciência, da natureza da racionalidade, da natureza dos conceitos, etc. Releva merecer a preocupação da mesma autora do trabalho em enfrentar o problema de se o realismo a que a proximidade das ciências empíricas sempre tende a (re)conduzir a especulação filosófica «sustenta uma posição metafísica também ela realista». E, de modo semelhante, quanto à necessidade de uma clara epistemologia definidora e esclarecedora dos estatutos das ciências e da filosofia, bem como das (possíveis) relações entre esta e aquelas. Nesta ordem de coisas, a mesma Autora

define a sua própria posição: «Assume-se neste trabalho que a TSI só pode ser compreendida, em primeiro lugar, como uma resposta à necessidade de esclarecimento conceptual que a convergência de áreas de estudo tão díspares gera. Em segundo lugar, propõe-se que a TSI deve ser compreendida como o desenvolvimento de uma das posições possíveis na resposta à seguinte questão: ‘A psicologia é ou não importante para a filosofia?’

Contrariando a escassez do tempo de que o autor desta apresentação dispõe com a extensão e densidade do texto apresentado, não lhe é possível um juízo sobre o seu valor científico. No entanto, de alguns passos lidos, da visão global da estrutura, do rigor de tratamento, da preocupação de se explicar e de fundamentar, da correcção na expressão e redacção, fica a impressão de estarmos perante um trabalho sério e de efectivo valor científico-filosófico. Valorizado ainda pelo índice geral pormenorizado, pelo índice onomástico e pelo índice temático, além de uma extensa e pertinente bibliografia, como é próprio de estudos como este.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

VELASCO BAYÓN, Balbino, O. Carm., **História da Ordem do Carmo em Portugal**, Paulinas, Lisboa, 2001, 756 p. + 28 p. de ilustrações em *couché*, 200 x 125, ISBN 972-751-442-1.

Esta obra é a mais completa e actualizada história da presença carmelita em Portugal. Não pretendemos, com esta afirmação, desmerecer anteriores publicações e historiadores, entre os quais se contam Luís da Apresentação, Jorge Cotrim,

Manuel de Sá, José Pereyra de Sant'anna... O que sucede é que todos eles foram colocando as peças que possibilitaram o aparecimento deste volume, deste *puzzle*.

Escrita numa linguagem acessível, com um óptimo suporte documental, ideias bem arrumadas, esta *História da Ordem do Carmo em Portugal* divide-se em 15 capítulos.

O primeiro – introdutório – busca as raízes históricas da Ordem, envoltas em lenda, mas com enlace seguro nas Cruzadas e nas Peregrinações à Terra Santa, os romeiros a descarregarem cansaços no eremitério do Monte Carmelo. A confluência de muitos a reclamarem por organização. Emerge a figura de Brocardo, sucedido depois por Bertoldo. A Regra será redigida por Santo Adalberto. A configuração virá da parte do Papa Gregório IX. A emigração para o Ocidente comportará correcções à Regra. Também estas com bênçãos de tiara (Inocêncio IV).

Pelo capítulo seguinte chegamos à terra lusa. A primeira fundação aparece em Moura, na cidade de Beja. A segunda, em Lisboa, espelho da generosidade e devoção do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Em 1425 celebra-se em Portugal o primeiro capítulo da Província carmelita, uma Província apadrinhada por D. João I e que abarcará as novas fundações, masculinas (Colares, Vidigueira, Beja, Évora, Coimbra, Lagoa, Torres Novas) e femininas (Beja, Lagos, Tentúgal). Pelo meio emergem grandes figuras, na ciência, nas letras, na santidade. Inesquecível – e para citar apenas uma – D. Frei Baltasar Limpo.

Terminado o Concílio de Trento, há que afinar a máquina monástica. Sucedem-se as visitas e visitações aos nove conventos de frades e três de monjas. O Colégio de Coimbra conhece, na segunda metade do séc. XVI, o escritor e humanista Amador Arrais, futuro bispo e autor dos famosos *Diálogos*.

Por volta de 1580, o número de religiosos carmelitas ultrapassa as duas centenas. Um novo desafio se coloca então à Ordem: ajudar na evangelização do Brasil. E os conventos vão surgindo: Olinda, Baía, Santos, Rio de Janeiro. Com o multiplicar de casas, adveio a necessidade de um mínimo de organização, aparecendo deste modo o Vicariato Provincial Brasileiro, depois os vicariatos do Estado do Brasil e Maranhão (este último estudado em pormenor no VI cap.), depois as Províncias do Rio de Janeiro e Baía, e ainda a Província de Pernambuco.

Nos capítulos seguintes estuda-se a evolução da Ordem nos séculos XVII a XIX, este último marcado pela supressão.

As últimas páginas referem-se à Ordem Terceira (capítulos XII a XIV) e à restauração do Carmelo em Portugal.

Ressalve-se que todo o historial feito contempla, não a global família carmelita, mas tão somente os Carmelitas da Antiga Observância.

PAULO ABREU

GONZÁLEZ-BALADO, José Luis, **Beata Teresa de Calcuta**, San Pablo, Madrid, 214 p., 175 x 110, ISBN 84-285-2565-X.

O Autor, numa síntese admirável, dá-nos uma ideia completa da vida e da obra da Santa «mais admirada e mais amada do século XX». Nascida em Skopie, em 10 de Agosto de 1910, pelos doze anos sentiu a vocação missionária para trabalhar na Índia. Aos dezassete, sua mãe deixou-a entrar para a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Loreto e disse-lhe, depois de orar muito: «Sim, minha filha, podes ir. Entrega-te toda a Deus e aos pobres». E mais tarde, numa carta: «Não te deixes